

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

KAIO RAPHAEL PICCOLI FONTES

**AS RECUPERAÇÕES FINANCEIRAS HISTÓRICAS DO IBOVESPA
DIANTE DAS CRISES MUNDIAIS ENTRE 2008-2020**

Rio de Janeiro

2021

**AS RECUPERAÇÕES FINANCEIRAS HISTÓRICAS DO IBOVESPA DIANTE DAS
CRISES MUNDIAIS ENTRE 2008-2020
THE HISTORICAL FINANCIAL RECOVERY OF IBOVESPA BEFORE THE WORLD
CRISES BETWEEN 2008-2020**

Kaio Raphael Piccoli Fontes

Graduando do Curso de Ciências Contábeis do Centro Universitário São José

Isaac de Carvalho Caires

Msc. Economia

RESUMO

O presente trabalho trata do comportamento recuperativo do IBOVESPA diante de crises econômico-financeiras de competência nacional e internacional no que diz respeito ao período entre 2008 e 2020. De tempos em tempos, geram-se nessas crises oportunidades na bolsa de valores correspondentes a décadas de retornos obtidos com aplicações em poupança e títulos do governo, entretanto ainda é um setor pouco explorado pelos brasileiros devido à deficiência de noções básicas de educação financeira por grande parte da população. Além de possuir caráter analítico, esse trabalho também detém característica informativa, pois visa desmistificar a imagem de impotência e de riscos eventuais inesperados por parte dos investidores. Técnicas de diversificação, gestão de risco, análises de informações financeiras históricas e o acompanhamento evolutivo das empresas são ferramentas reais para a diluição do risco financeiro dessas operações, resultando em uma boa gestão de uma carteira estável de ativos. Tem como objetivo principal corroborar a alta probabilidade de recuperação do índice quantificando o potencial de ganho capaz de ser aproveitado e sugere padrões históricos de movimentos que causam euforia no mercado como um todo. Através da coleta de cotações históricas do índice em sites de investimentos e análises gráficas, é possível demonstrar na prática e justificar essas afirmativas. Devido à dinamicidade do mercado de ações é permitida ao investidor a manutenção de suas posições de acordo com suas próprias convicções em relação aos ativos proporcionando liberdade para realizar o lucro ou prejuízo de uma operação de curto prazo ou estendê-la para longo prazo na expectativa de um resultado mais estabilizado futuramente.

Palavras-chave: Bolsa de Valores, Educação Financeira e Crises Econômico-Financeiras.

ABSTRACT

The present work deals with the recovery behavior of the IBOVESPA in the face of economic and financial crises of national and international competence with regard to the period between 2008 and 2020. From time to time, opportunities are generated in these crises on the stock exchange corresponding to decades of returns obtained with investments in savings and government bonds, however, it is still a sector little explored by Brazilians due to the lack of basic notions of financial education by a large part of the population. In addition to having an analytical character, this work also has an informative characteristic, as it aims to demystify the image of impotence and possible unexpected risks on the part of investors. Diversification techniques, risk management, analysis of historical financial information and the evolutionary monitoring of companies are real tools for diluting the financial risk of these operations, resulting in good management of a stable asset portfolio. Its main objective is to corroborate the high probability of recovery of the index by quantifying the potential for gain that can be used and suggests historical patterns of movements that cause euphoria in the market as a whole. By collecting historical index quotes from investment websites and graphical analysis, it is possible to demonstrate in practice and justify these claims. Due to the dynamism of the stock market, investors are allowed to maintain their positions in accordance with their own convictions in relation to the assets, providing freedom to realize the profit or loss of a short-term operation or to extend it to the long term in the expectation of a more stabilized result in the future.

Keywords: Stock Exchange, Financial Education and Economic-Financial Crises.

INTRODUÇÃO

No ano 2000 foi criada a Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA) que é um mercado organizado onde são negociadas ações de sociedades de capital aberto e outros valores mobiliários. O principal medidor de valor de mercado das principais empresas brasileiras é o Índice BOVESPA (IBOVESPA) que é composto por uma carteira teórica das oitenta e uma ações das organizações de maior relevância e que são revisadas periodicamente podendo sofrer acréscimos ou decréscimos.

Esse trabalho aborda a recuperação do IBOVESPA após o surgimento de crises que vieram a acarretar quedas consideráveis no valor de mercado das empresas que compõem o mesmo puxando o índice para baixo no período de 2008 a 2020. Tais quedas criam a oportunidade de adquirir participações de empresas com alto potencial de crescimento por preços abaixo do mercado e conforme a história, na maioria das vezes a recuperação supera a posição anterior à crise maximizando os lucros.

Analisa eventos de crises isoladas com o objetivo de identificar momentos sugestivos para realizar um *stock picking* (técnica de selecionar ativos desvalorizados com alto potencial de valorização) adequado no mercado e assim obter um rendimento acima da média diminuindo os riscos. Intenta demonstrar os benefícios dos investimentos de curto e longo prazo com uma carteira diversificada durante e após as crises econômicas, assim como também avaliar a alta volatilidade do mercado diante de tais períodos segundo os momentos de otimismo e pessimismo dos investidores.

A metodologia analisada foi mensurar o IBOVESPA em momentos de crise, através de um estudo sobre dados históricos cedidos pelo site Investing.com e análise gráfica para demonstrar a alta probabilidade de recuperação da mesma evidenciando oportunidades excepcionais de investimentos nos ativos que compõem o índice tendo em vista a baixa frequência com que essas oportunidades aparecem.

Realizou-se pesquisa de artigos e análises de especialistas do Mercado Financeiro, assim também como livros de autores renomados e grandes canais de notícias que são referências no assunto.

No decorrer da pesquisa, observou-se que devido à dinâmica do mercado, ele se recuperou no período analisado e alcançou patamares mais elevados em relação aos

preços pré-crise. Ou seja, a maioria das empresas que compõem o IBOVESPA passam a valer mais no pós-crise do que o seu valor de mercado anterior, garantindo historicamente um potencial ganho capaz de proporcionar retornos sobre o capital investido que durariam até décadas para serem obtidos através de investimentos em poupança ou títulos públicos.

Existe uma considerável relevância desse tema no que se refere àqueles que pretendem de forma profissional ou amadora se enveredar nesse mercado. Devido as suas especificidades, é um setor imprevisível que exige certo nível de conhecimento e cautela para poder ser desafiado, pois apresenta uma série de riscos no que se refere ao retorno financeiro, mas é um assunto promissor não só a nível teórico, mas também a nível prático.

Assim, no capítulo seguinte serão detalhados os fundamentos teóricos em que essa análise se fundamenta, e posteriormente as conclusões e considerações finais, bem como as referências em que se baseia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante das crises, o Mercado de Capitais tende a se tornar mais atrativo para os investidores da Bolsa de Valores devido à alta relação risco x retorno que proporcionam, pois segundo Rothschild (1810), “a hora de comprar é quando há sangue nas ruas”. Tal fato acaba por abrir uma janela de entrada para novos investidores devido à “facilidade” de ganhar dinheiro confiando no potencial de retorno que pode ser obtido. Quando na verdade, somente através de muito estudo, experiência e dedicação é possível flertar com o mercado a ponto de tirar bons retornos duradouros. De acordo com Markowitz (1952), aplicando a teoria do portfólio, torna-se possível a quantificação do potencial de lucro por meio do investimento em diversas categorias de ativos com diversos perfis de risco-rendimento, proporcionando a diminuição da parcela do risco que é diversificável e aprimorando a rentabilidade em relação ao perfil de risco do investidor. Atrelando a

teoria de Markowitz com um psicológico resiliente e através de análises técnicas ou fundamentalistas, pode-se criar uma carteira segura e confiável.

De acordo com Murphy (2000) e Pring (1991), a abordagem da análise técnica em relação a investimentos tem por base a teoria de que os preços variam em função de tendências. Essas tendências tomam forma através do posicionamento exercido pelos investidores perante algum fato relevante e se sustentam por meio de três princípios. O primeiro é a confirmação da tendência através da análise gráfica com o intuito de adquirir ativos com tendência de alta e vendê-los em tendência de baixa efetivando o lucro da operação. O segundo estipula que todos os fatores capazes de movimentar os preços do mercado, estão reproduzidos no mesmo, uma vez que de acordo com Garfield Drew (cf. Pring, 1991, página 5), o preço não reflete o valor real das ações, mas sim o que os investidores em sua concepção julgam valer. O terceiro princípio propõe que é possível observar através da análise técnica clássica que os movimentos gráficos ocorridos no decorrer da história tendem a repetição, pois os padrões observados estão diretamente vinculados com comportamento humano.

Todavia, cabe salientar que todas as técnicas permanecem propensas a um nível de erro substancialmente grande, utilizando-as na tentativa de prever o tempo para o próximo mês ou como agirá o preço de determinado ativo. (MOLLICA, 1999, p. 92).

Conforme Gitman (2012), o risco de mercado define-se como uma parcela de dúvida referente aos retornos projetados de um investimento em resultado de oscilações de coeficientes do mercado, como por exemplo, preços de commodities, taxas de juros, taxas de câmbio e ações.

Consoante Keynes (1936), independente do campo de atuação, as decisões humanas que impactarão o futuro não podem restringir-se somente a cálculos matemáticos, uma vez que não há embasamento o bastante para proporcionar razoável segurança, existindo apenas uma investida de coesão entre a ciência exata e a nossa inteligência que se empenha para escolher as alternativas de ativos mais proveitosas.

CRISES ECONÔMICAS E FINANCEIRAS ENTRE 2008 E 2020

O Mercado Financeiro vem se tornando um assunto cada vez mais popular no Brasil através de mídias sociais por meio da educação financeira e em alguns casos, devido aquelas populares promessas de ganhos fáceis em um período curto de tempo, transformando-se em uma tendência na atualidade.

No ano de 2020, conforme o site de notícias Valor Investe, houve um aumento de mais de 52% de CPFs cadastrados na BOVESPA, o que comprova como o brasileiro tem sentido desejo de enfrentar esse mercado que quando não respeitado, pode trazer sérias consequências patrimoniais aos desavisados.

Por conseguinte, este trabalho mostrará que de momentos de desvalorização excessiva do IBOV representado pelas ações das empresas mais relevantes bolsa, podem-se criar ótimas oportunidades para lucrar na recuperação das mesmas.

CRISE DO SUBPRIME

Alcançando o seu ápice no ano de 2008, a Crise do Subprime foi uma crise econômico-financeira que iniciou com o estouro da bolha imobiliária gerada pela redistribuição de capital do paralisado sistema econômico dos Estados Unidos para o mercado hipotecário incentivados por alterações nos níveis de reserva exigidos pelos bancos e pelas taxas de juros reduzidas.

O chamarisco foi a constante elevação da notoriedade dos chamados títulos “podres”. Uma espécie utópica de securitização de empréstimos realizada através da construção de CDOs (obrigação de dívida colateralizada) pelos bancos, que devido serem a unificação de variados recebíveis, objetivava oferecer garantia de pagamento para as dívidas misturando empréstimos de alto, médio e baixo risco de insolvência.

Gozando de avaliações com alto nível de segurança de investimento (AAA), por agências renomadas de avaliação de risco, como Standard & Poor's e a AIG, as hipotecas subprime tomaram todo o mercado internacional, aumentando a dimensão do alcance da crise.

Em meados do ano de 2007, um dos bancos mais conceituados de investimentos e outros serviços financeiros dos EUA, Bear Stearns, sofreu uma desvalorização de mais de 90% em um dos seus fundos de investimentos, enquanto outro a desvalorização foi consumada (Foster, 2009). Diante do golpe sofrido pelo banco, começou a se consolidar determinada insegurança no sistema financeiro dos EUA por parte dos investidores, preconizando a crise vindoura. Em março de 2008 multiplicaram-se os rumores relacionados à insolvência enfrentada pela empresa, dando início a um movimento de desinvestimento por parte dos clientes e a extinção de créditos oferecidos por outros bancos.

Apesar disso, o medo tomou conta das economias mundiais em pouco tempo, pois investidores de diversos países também estavam ligados aos títulos hipotecários de risco advindos dos Estados Unidos.

Internamente no Brasil, o governo possuindo por presidente Luís Inácio Lula da Silva, vinha desde a posse do cargo no ano de 2003 posicionando-se contra a política neoliberal que era exercida no governo anterior de Fernando Henrique Cardoso imerso em escândalos de corrupção que envolveram as privatizações de grandes empresas estatais. Tal posicionamento fez o sistema econômico e financeiro não ruir como os dos norte-americanos e europeus pelo motivo dos bancos brasileiros não estarem completamente imersos nos títulos de dívidas hipotecárias.

Devido ser impactado de maneira mais suave comparado ao bloco Europeu e os EUA, o Brasil continuou a sua estratégia de inserção no mercado mundial e tornou-se excessivamente dependente da livre mobilidade dos fluxos financeiros e das exportações de commodities. Fazendo proveito da boa exposição internacional, o governo utilizou uma grande fatia das arrecadações governamentais para amortizar parte do elevado déficit fiscal que havia se acumulado até então. Demonstrando melhorias financeiras e econômicas, transformou-se em um interessante destino para investimento do capital estrangeiro.

Durante a crise, o IBOV (Índice BOVESPA) acumulou uma queda de - 59,92% despencando de uma abertura de 73.444 pontos em 20 de maio de 2008 para uma mínima de 29.435 pontos no dia 27 de outubro do mesmo ano no momento mais crítico da crise e a partir desse evento, obteve uma recuperação de + 143,87% até o fechamento do dia 8 de abril 2010 alcançando 71.784 pontos, conforme demonstra o gráfico a seguir.



Na crise do Subprime, não ocorreu o rompimento imediato da cotação anterior ao derretimento do IBOVESPA devido o início da Crise da Zona do Euro e da Guerra Cambial que eclodiram no ano de 2010 e assolaram as economias mundiais como um todo.

CRISE DO EURO E GUERRA CAMBIAL

A Europa Continental sempre foi um modelo de progresso econômico e que proporcionava aos cidadãos segurança social e oportunidades de empregos. No entanto, eles enfrentaram uma grande crise com a Zona do Euro sofrendo graves choques econômicos e sociais.

Era esperado que os Estados-membros a entrar na União Monetária Européia cumprissem requisitos de confluência no tocante ao equilíbrio da dívida pública, controle da taxa de câmbio nacional, a desaceleração do avanço das despesas públicas, inflação e taxa de juros reduzidos, controle da taxa de câmbio nacional. Com a intenção de acelerar o fortalecimento do euro, o bloco ignorou algumas exigências para facilitar a adoção por países desenquadrados como Itália, Grécia, Espanha e Portugal.

O início da Crise da Zona do Euro se deu por meio de gastos excessivos e pouca arrecadação por parte das nações européias gerando um déficit cada vez maior. Devido a países como Espanha, Grécia, Portugal, Irlanda e Itália que já possuíam passivos maiores do que os seus PIBs, os investidores começaram a ficar receosos de alocar capital no bloco europeu e colocaram em dúvida a sua solvência.

No início de 2010 generalizaram-se as suspeitas de maquiamento das contas públicas da Grécia, o que mais tarde veio a ser investigado pela Comissão Européia. Em abril do mesmo ano houve o rebaixamento das notas de classificação de risco da Espanha, Portugal e Grécia.

Devido a Eurozona ser considerada uma das principais parceiras e principais investidoras do Brasil, o período recessivo vivenciado pela mesma poderia interromper a sequência de superávits comerciais e recebimento de recursos.

Concomitante à crise da zona do euro, no ano de 2010 intensificaram-se as políticas econômicas utilizadas pelos blocos econômicos e nações, de forma que utilizaram do seu poder econômico para manipular e induzir a macroeconomia, levando à adoção de medidas de retaliação, manobra que originou o termo “Guerra Cambial” utilizado pelos economistas.

Várias nações foram denunciadas, principalmente as emergentes, de estarem sabotando o valor de suas moedas para se favorecerem de exportações.

O país que recebeu mais críticas foi a China, devido à prática de câmbio fixo sobre sua moeda nacional, enquanto é praticado o câmbio flutuante nas principais

economias ao redor do mundo, que é caracterizado pela oscilação das moedas locais em função das negociações de mercado.

Em contrapartida, o Brasil fez uso de diversas estratégias para manter o real sobre controle diante dessas manobras cambiais externas. Dentre as de mais relevância, destacaram-se o aumento dos impostos em operações de curto prazo em renda fixa, aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) sobre investimentos estrangeiros em títulos do governo e taxaço em derivados de câmbio.

Ao analisar o gráfico das cotações referentes ao exercício financeiro do ano de 2010, pode-se visualizar que assim que o IBOV estava para se recuperar das perdas da crise ocorrida em 2008, os acontecimentos ocorridos na Europa e com o câmbio trouxeram um pouco de apreensão aos investidores impedindo a superação, entretanto refletiu um impacto mais suave comparando à crise anterior. O IBOVESPA acumulou uma queda de $-19,71\%$ caindo de um fechamento de 71.784 pontos em 8 de abril 2010 para uma mínima de 57.633 pontos no dia 20 de maio do mesmo ano no momento mais crítico da crise e a partir desse evento, obteve uma recuperação de $+26,65\%$ até o fechamento do dia 4 de novembro de 2010 alcançando 72.995 pontos, conforme demonstra o gráfico a seguir.



Da recuperação da Crise do Euro (2011) em diante a economia brasileira ficou tomada por inseguranças e desconfianças que ocasionaram um *bear market* (mercado pessimista) que perdurou até 2016.

Essa tendência de baixa foi proporcionada por diversos fatores, tais como: o agravamento da crise na Europa com a expectativa de uma moratória grega e o alastramento da crise para os PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, na sigla em inglês), perda de valor de mercado das principais *Blue Chips* (empresas mais valiosas) brasileiras, assim como também uma breve moratória nos Estados Unidos no ano de 2011; protestos relativos ao aumento do desemprego e aumento dos impostos em alguns países da Europa que ainda se recuperavam da Crise do Euro no ano de 2012; derrocada do grupo EBX de Eike Batista, diminuição da credibilidade econômica brasileira transmitida ao exterior, perspectiva negativa do *rating* (risco de crédito) brasileiro por parte da agência de classificação de risco Standard & Poor's, resultados abaixo do esperado da Petrobras devido à defasagem do preço da gasolina no ano de 2013; ciclo de desaceleração da economia puxado pela queda na taxa de investimento, falhas na condução da política econômica gerando manifestações e incerteza eleitoral, perspectiva de afrouxamento monetário nos EUA, rápida queda no preço das commodities, avanço da operação Lava Jato setores estratégicos da economia brasileira em 2014; forte diminuição do PIB, elevação desenfreada da inflação, elevação do IPCA em quase 20% em 2015. Diante dos acontecimentos expostos, a desvalorização progressiva do Real ante o Dólar e o aumento descontrolado da inflação durante o período foram uma realidade da economia brasileira.



Utilizando a Análise Técnica Clássica, no gráfico acima pode-se visualizar o movimento de baixa representado pela IBOVESPA, possibilitando traçar a Linha de Tendência de Baixa, sendo considerada por resistência temporária pelos demais investidores até que o mercado fique otimista o suficiente para rompê-la, como se pode visualizar no “Círculo A”.

A partir do rompimento, há uma considerável probabilidade do mercado entrar em cenário de alta, caso ele se mantenha acima dessa linha traçada perpetuando movimentos mais altos de rompimento das ondas gráficas.

Após o movimento de alta for confirmado, indica-se compra e o próximo ponto a ser buscado será o rompimento da Linha de Resistência, sendo o ponto mais alto atingido antes do gráfico entrar em movimento de baixa.

A partir do rompimento da resistência no “Círculo B” e sua confirmação, a Linha de Resistência é convertida em Linha de Suporte. Então o mercado pode manter o cenário positivo dando sequência ao rali de alta até alcançar a próxima resistência (caso tenha), entrar em movimento de consolidação onde não possui uma tendência clara, ou perder a Linha de Suporte a convertê-la novamente em Linha de Resistência.

CHOQUE RECESSIVO

O Choque Recessivo foi um conjunto de medidas voluntárias tomadas pelo governo no ano de 2015 para tentar solucionar os desequilíbrios econômicos que vinham sendo agravados desde o ano de 2011.

Foi providenciado um Choque Fiscal na economia através de um corte nas despesas do governo. Com essa demanda pública sendo reduzida, o consumo, investimentos e demanda externa acabaram sendo afetados de forma negativa, influenciando significativamente na geração de empregos e poder de compra das famílias.

No momento do Choque de Preços Administrados houve uma grande contribuição para o aumento da inflação após o governo decidir por uma contenção dos preços administrados pelo governo principalmente no setor energético, aumentando assim o IPCA em 18% no ano de 2015.

Diante do Choque Cambial, o governo optou por desempenhar uma política cambial menos ativa levando a inflação a apresentar uma oscilação de mais de 50% durante o ano de 2015, o que impactou diretamente a vida patrimonial das empresas e seus custos operacionais, da mesma maneira também que os salários reais da massa trabalhadora.

Por fim, a quarta medida tomada para reverter à tendência econômica negativa que o país enfrentava foi o Choque Monetário que basicamente foi o prosseguimento das elevações da SELIC até ao estágio de 14,25% e crescimento do custo de crédito.

Durante a crise, o IBOVESPA acumulou uma queda de – 36,18% desvalorizando de uma abertura de 58.050 pontos em 6 de maio de 2015 para uma mínima de 37.046 pontos no dia 20 de janeiro de 2016 no momento mais crítico da crise e a partir desse evento, obteve uma recuperação de + 75,25% até o fechamento do dia 31 de outubro de 2016 alcançando 64.924 pontos, conforme demonstra o gráfico a seguir.



JOESLEY DAY

No pregão do dia 18 de maio de 2017, o terror dominou o mercado ocasionando uma oscilação negativa de 10,69% do IBOVESPA. Devido à aversão brusca ao risco, na primeira hora de negociação o mecanismo do *circuit breaker* (interrompimento das negociações da BOVESPA temporariamente) teve que ser acionado. A última vez que isso aconteceu foi em 22 de outubro de 2008, na crise do subprime, quando a bolsa brasileira fechou em - 10,18%.

A causa desse estresse foi o impacto negativo causado após ser divulgado um escândalo de suborno envolvendo o presidente Michel Temer, Eduardo Cunha e o dono da JBS, Joesley Batista.

No dia anterior ao evento, houve a divulgação de uma gravação que foi possível a partir de um acordo de delação premiada entre a Procuradoria Geral da República e Joesley Batista na intenção de diminuir sua pena por corrupção ativa e lavagem de dinheiro. Na gravação, Michel Temer dava seu parecer positivo à Joesley Batista para

comprar o silêncio de Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, que já havia tido sua prisão efetuada com o desenrolar da operação Lava-Jato.

Para os investidores, após o vazamento da gravação, não restavam dúvidas que havia grande possibilidade de ocorrer uma renúncia por parte do presidente ou um impeachment do mesmo. Essas suposições causaram momentos de pânico para o mercado financeiro devido ameaçar o avanço de importantes reformas que estavam em progresso como a previdenciária e trabalhista.

A instabilidade política e a intensificação relâmpago de aversão ao risco por parte dos investidores refletiram fortemente nas primeiras horas do dia e resultaram em um fechamento negativo mesmo que amenizado ao decorrer do Joesley Day.

Durante a crise, o IBOVESPA acumulou uma queda de $-12,17\%$ caindo de uma abertura de 68.674 pontos em 17 de maio de 2017 para uma mínima de 60.314 pontos no dia 18 de maio do mesmo ano no momento mais crítico da crise e a partir desse evento, obteve uma recuperação de $+26,01\%$ até o fechamento do dia 20 de setembro de 2017 alcançando 76.004 pontos, conforme demonstra o gráfico a seguir.



CORONAVÍRUS

O Coronavírus (COVID-19) surpreendeu mundialmente a todos pelo seu alto índice de contaminação apresentado elevando rapidamente a classificação da crise sanitária na China para um cenário pandêmico.

Por ser uma doença descoberta recentemente e levar milhares de pessoas a óbito a cada dia, os médicos e cientistas entenderam que para se ganhar tempo até produzir uma vacina eficaz seria necessário, além de se reforçar os cuidados com a higiene, realizar medidas restritivas em regiões que apresentassem alto nível de contaminação, ou *lockdowns* (confinamento) nas áreas mais críticas.

As bolsas de valores mobiliários do mundo todo mergulharam no medo e na incerteza levando os investidores a migrarem para hedges (estratégia de proteção de investimentos) em ouro ou dólar.

No Brasil, os impactos do isolamento social para a contenção da doença afetaram diretamente a economia que poderia ter sido substancialmente mais abalada caso o governo não tomasse uma série de medidas para preservá-la. Para minimizar o desemprego e a falência de pessoas jurídicas o governo federal se propôs a financiar parte das folhas de pagamentos das empresas e para a subsistência da parcela da população mais necessitada, disponibilizou um auxílio financeiro emergencial. Somando-se ainda a diminuição da arrecadação do governo e aumento nos gastos públicos para prestar suporte na tentativa de expandir a capacidade de atendimento de um sistema público culturalmente deficitário em equipamentos e profissionais, o resultado foi o recuo de 4,1% do PIB brasileiro no ano de 2020.

Durante a crise, o IBOVESPA acumulou uma queda de – 47,89% despencando de uma abertura de 118.392 pontos em 23 de janeiro de 2020 para uma mínima de 61.691 pontos no dia 19 de março do mesmo ano no momento mais crítico da crise e a partir desse evento, obteve uma recuperação de + 102,75% até o fechamento do dia 8 de janeiro de 2021 alcançando 125.077 pontos, conforme demonstra o gráfico a seguir.



CONCLUSÕES

Diante do exposto no decorrer deste trabalho, pode-se inferir que o mercado de ações é bem dinâmico proporcionando adaptabilidade para a maioria dos perfis de investidores. Seguindo a premissa de que tudo é passageiro, as altas oscilações encontradas no curto prazo têm seu impacto reduzido no longo prazo. Dessa forma, dá aos investidores flexibilidade após uma compra operando por *swing trade* (operações de curto prazo), gerenciar o risco ou estendê-la para *position trade* (operações de médio/longo prazo) caso o mercado tome uma direção oposta à projetada sem obrigá-los a realizar o prejuízo de uma desvalorização ou o lucro de uma valorização.

Foram analisados diversos eventos e houve a comprovação da dimensão dos lucros que podem vir a ser alcançados diante as desvalorizações dos papéis ocasionadas por crises econômico-financeiras.

Caso seja desconsiderado os 2,36% que faltaram para a Crise do Subprime ser completamente superada e considerá-la como tal, em 100% dos eventos analisados

houve a recuperação econômica. Taxa de recuperação essa que reafirma a atratividade e segurança das operações em bolsa.

Diante das ferramentas e informações disponibilizadas atualmente graças ao avanço da tecnologia, os investidores possuem toda a estrutura para aprimorar as tomadas de decisões e utilizar as técnicas de análises que mais se identificarem.

Sendo o mercado financeiro considerado um grande universo do mundo das finanças, o mercado de ações é apenas um dos segmentos que o compõem. Evidentemente que esse mercado financeiro sofre constantemente mudanças através de novas técnicas e de novas descobertas financeiras pela própria engenharia financeira tornando-se um tema que não se fechará e não terá conclusões definitivas, devido estar frequentemente em transformações. O que é exposto nesse trabalho trata-se apenas de uma análise temporal, pois dinâmicas outras sempre acontecerão no decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

AGENCIA IBGE NOTÍCIAS. **PIB cai 4,1% em 2020 e fecha o ano em R\$ 7,4 trilhões.** 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30165-pib-cai-4-1-em-2020-e-fecha-o-ano-em-r-7-4-trilhoes>> Acesso em: 13 de maio 2021.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro.** 9. Ed. São Paulo: Atlas. 2009.

BBC BRASIL. **Entenda o debate em torno da 'guerra cambial' entre os países.** 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/10/entenda-o-debate-em-torno-da-guerra-cambial-entre-os-paises.html>> Acesso em: 9 de abril 2021.

BERTÃO, Naiara. **Número de pessoas físicas na bolsa cresce ainda mais em agosto e encosta em 3 milhões.** 2020. Disponível em:

<<https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/noticia/2020/09/02/numero-de-pessoas-fisicas-na-bolsa-cresce-ainda-mais-em-agosto-e-encosta-em-3-milhoes.ghtml>

> Acesso em: 14 de março 2021.

BÚSSOLA DO INVESTIDOR. **Teoria de Dow na Análise Técnica**. 2014. Disponível em: <<https://www.bussoladoinvestidor.com.br/teoria-de-dow/>> Acesso em: 14 de março 2021.

CAPELLETTO, Lucio R.;CORRAR, Luiz J; MARTINS, Eliseu. **Mensuração do risco sistêmico no setor bancário com variáveis contábeis e econômicas**. Banco Central do Brasil. Brasília. 2008

CAPITAL RESEARCH. **Subprime: descubra o que é e as causas da crise imobiliária**. 2020. Disponível em: <<https://www.capitalresearch.com.br/blog/investimentos/subprime/>> Acesso em: 29 de março 2021.

EU QUERO INVESTIR. **Joesley Day: há quatro anos, Brasil vivia risco de dois impeachments sequenciais**. 2021. Disponível em: <<https://www.euqueroinvestir.com/joesley-day-pregoes-historicos/>> Acesso em: 02 de junho 2021.

FORBES. **Buy When There's Blood In The Streets**. 2009. Disponível em: <https://www.forbes.com/2009/02/23/contrarian-markets-boeing-personal-finance_investopedia.html?sh=169fa333b59a> Acesso em: 14 de março 2021.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado financeiro: produtos e serviços**. 16. Ed. Rio de Janeiro: Qualitymark. 2004

FOSTER, J. B. e MAGDOFF, F. **Financial Implosion and Stagnation Back To The Real Economy**. 2008. Disponível em: <<http://monthlyreview.org/081201foster-magdoff.php>> Acesso em: 02 de março 2021.

GITMAN, Lawrence Jefferey. **Princípios de Administração financeira**. 10ª ed. São Paulo :Addison Wesley. 2004

KEYNES, J. M. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. Editora Atlas, 1990. Original,1936.

KRUGMAN, Paul R. **A crise de 2008 e a economia da depressão**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2009

LIMA, Iran; GALARDI, Ney; NEUBAUER, Ingrid. **Mercado de investimento financeiro**. 2. Ed. São Paulo: Atlas. 2009

MELLO, Pedro C; SPOLADOR, Humberto F.S. **Crises financeiras: quebras, medos e especulações do mercado**. São Paulo: Saint Paul Editora. 2010

MOLLICA, M. A. **Uma avaliação de modelos de Value-at-Risk: comparação entre métodos tradicionais e modelos de variância condicional**. 92.1999

MOTTA, João Ricardo Santos Torres da. **As crises econômicas mundiais**. Consultoria Legislativa. Brasília. 2000

MURPHY, J. J. **Thechnical Analysis of Financial Markets**. New York Institute of Finance. 2000

OLIVEIRA, Gilson; PACHECO, Marcelo. **Mercado financeiro**. 2. Ed. São Paulo: Fundamento Educacional. 2010

PINHEIRO, Juliano L. **Mercado de capitais: fundamentos e técnicas**. 4. Ed. São Paulo: Atlas. 2007

PRING, M. J. **Technical Analysis Explained: The successful Investor's Guide to Spotting Investment Trends and Turning Points**. Terceira Edição. MC Graw Hill – Inc. 1991

SAFFI, A.C. **“Análise Técnica: Sorte ou Realidade?”**. Revista Brasileira de Economia, Out/Dez. 954 – 974. 2003

SECURATO, José R.; SECURATO, José C. **Mercado financeiro: conceito, cálculo e análise de investimento**. 3. Ed. São Paulo: Saint Paul. 2009

UOL. **Dólar passa de R\$ 4 em 2015 e vira piada na rede; Bovespa cai pelo 3º ano**. 2015. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2015/12/30/dolar-passa-de-r-4-em-2015-e-vira-piada-na-rede-bovespa-cai-pelo-3-ano.htm>> Acesso em: 22 de abril 2021.